

Jannis Harjus / Benjamin Meisnitzer (eds.)

**Representações e perceções
das variedades portuguesas
no mundo lusófono**



PETER LANG

ROMANISTISCHE ARBEITEN
INTERKULTURELL UND INTERDISZIPLINÄR

Herausgegeben von Rafael Arnold, Thomas Johnen, Aurélia Merlan,
Jürgen Schmidt-Radefeldt und Rudolf Windisch

BAND 23



PETER LANG

Berlin - Bruxelles - Chennai - Lausanne - New York - Oxford

Jannis Harjus / Benjamin Meisnitzer (eds.)

Representações e percepções das
variedades portuguesas no
mundo lusófono



PETER LANG

Berlin - Bruxelles - Chennai - Lausanne - New York - Oxford

Library of Congress Cataloging-in-Publication
A record in the CIP catalog has been requested for this book
of the Library of Congress.

**Bibliographic Information published by the Deutsche
Nationalbibliothek**

The Deutsche Nationalbibliothek lists this publication in the Deutsche
Nationalbibliografie; detailed bibliographic data is available in the
internet at <http://dnb.d-nb.de>.

Mit freundlicher Unterstützung von: / Com o gentil apoio de /:

• Camões. Instituto da Cooperação e da Língua

• Universität Innsbruck

Vizerektorat für Forschung

Forschungsschwerpunkt Kulturelle Begegnungen-kulturelle Konflikte
Dekanat der philologisch-kulturwissenschaftlichen Fakultät



**universität
innsbruck**

ISSN 2364-3552

ISBN 978-3-631-92424-2 (Print)

E-ISBN 978-3-631-92425-9 (E-PDF)

E-ISBN 978-3-631-92426-6 (EPUB)

DOI 10.3726/b22179

© 2024 Peter Lang Group AG, Lausanne
Published by Peter Lang GmbH, Berlin, Germany

info@peterlang.com - www.peterlang.com.

All rights reserved.

All parts of this publication are protected by copyright.
Any utilization outside the strict limits of the copyright law, without
the permission of the publisher, is forbidden and liable to prosecution.
This applies in particular to reproductions, translations, microfilming,
and storage and processing in electronic retrieval systems..

Índice / Table of Contents

<i>Jannis Harjus and Benjamin Meisnitzer</i> Representações e percepções das variedades portuguesas no mundo lusófono: Introdução	7
<i>Dennis R. Preston</i> The Perception of Language Varieties: What's been going on?	15
<i>Thomas Krefeld and Elissa Pustka</i> A cognitive approach to language varieties	37
<i>Thomas Krefeld and Elissa Pustka</i> Uma abordagem cognitiva de variedades linguísticas	57
<i>Ronny Beckert and Sybille Große</i> "O carioca fala muita gíria": a fala carioca na representação dos idosos no Rio de Janeiro	79
<i>Ana Paula Banza</i> O português de Angola: percepção, avaliação e norma	99
<i>Carla Sofia da Silva Ferreira</i> Percepções sobre a caracterização das variedades diatópicas do português europeu	119
<i>Christian Koch</i> "Nossa, pensei que isso fosse russo..." – Percepções errôneas do português europeu como língua eslava	139
<i>Karin N. R. Indart</i> Multilinguismo no sistema de educação em Timor-Leste: a perspectiva local da diversidade de línguas	153
<i>Jannis Harjus</i> Processos de padronização numa situação de diáspora: Sobre o Português do Brasil no Canadá Multilingue Dinâmico	165

Ana Paula Banza (Universidade de Évora/CIDEHUS)

O português de Angola: percepção, avaliação e norma

Resumo: Partindo da consideração do português como língua pluricêntrica e com base no quadro teórico metodológico da sociolinguística variacionista de Labov, o presente trabalho procura avaliar, no caso de Angola, a percepção dos falantes em relação às variedades angolana e europeia do português e a eventual interferência dos fatores sociais nessa percepção, na medida em que a percepção dos falantes está na base da situação de “esquizofrenia linguística” característica das “variedades não-dominantes”: a norma nacional é geralmente praticada, mas depreciada, enquanto a norma oficial, correspondente, neste caso, à da variedade europeia, é pouco praticada, mas muito apreciada.

1. Introdução

1.1. Pluricentrismo, variação e norma

O pluricentrismo linguístico deve ser visto como “um caso especial de variação intralinguística marcado por questões de identidade e poder nacionais” (Silva 2018: n.p) na medida em que línguas como o português, que foram transplantadas dos seus territórios de origem para outras latitudes e aí se impuseram, quase sempre em contexto de colonização e em contacto com outras línguas e culturas, criaram variedades necessariamente associadas a outras identidades e, a médio prazo, a outros poderes, diferentes dos do país de origem. Por essa razão, as chamadas variedades nacionais representam, de facto, um caso especial no quadro da variação, na medida em que se constituem como novos centros no diassistema da língua, todos eles internamente diferenciados. Neste contexto, as diferentes variedades de uma mesma língua colocam, como não poderia deixar de ser, questões tão numerosas quanto complexas.

Quando uma língua se impõe em contextos identitários e de poder diferentes dos do país de origem, a primeira questão que se coloca é prévia às questões levantadas pela variação: é a própria questão da sua sobrevivência. No caso das línguas impostas em contexto de colonização, como é o caso do português, as independências podem introduzir novas escolhas linguísticas, afastando a língua do colonizador ou alterando-lhe o estatuto.

No caso do português, porém, os novos países independentes mantiveram-no como língua oficial e, em alguns casos, como o de Angola, Moçambique e